

Brasil entre a desesperança e a esperança

P.2
R.2
S.2
R.2
S.2
SÉRGIO AMAD COSTA

Há uma desesperança, hoje no ar, originada pelos resultados da economia apresentados neste ano e pelos possíveis efeitos no curto prazo do programa proposto ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Neste, o governo se compromete a adotar, no primeiro trimestre de 1992, uma política monetária apertadíssima. Traduzindo, pode-se dizer que pelo menos o primeiro semestre de 1992 será pior, em termos recessivos, do que o segundo semestre de 1991. Em outras palavras, mais desempregos e menos vendas. Na área do comércio, por exemplo, tudo faz crer que empresas de grande porte ficarão menores e muitas pequenas desaparecerão.

O que acentua a desesperança é o fato de que as projeções para 1992 assinalam um cenário pior do que o de 1991. Isso significa que estaremos acumulando um processo de regressão econômica por três anos seguidos. Se tomarmos como indicadores alguns setores produtivos, que nesta época fazem seus melhores negócios, veremos que estão agora em piores condições em relação a 1990. Por sua vez, esses mesmos setores já no passado amargavam resultados piores do que os apresentados em fins de 1989.

O comércio em São Paulo, por exemplo, em dezembro de 1990, faturou 10% menos que no mesmo mês de 1989. E agora as projeções indicam uma queda de 5% em relação às



vendas de dezembro do ano passado. Supermercados também deverão acusar uma redução de aproximadamente 15% sobre as vendas de dezembro de 1990. E naquele ano já estavam com suas vendas em queda livre. Alimentos, outro setor forte em vendas no mês de dezembro, tudo indica terão uma queda de consumo em torno de 10% em relação ao mesmo mês de 1990.

Por ai já dá para se ter uma idéia do que significa aprofundar ainda mais a recessão em 1992. Entretanto, pode-se elogiar o programa apresentado ao FMI, baseando-se no fato de que nele não há mais mágicas, nem brilhantes estratégias heterodoxas. Realmente, nesse programa não há mágicas. Porém seus resultados, no próximo ano, certamente

farão com que empresários, empregados e desempregados se tornem mágicos para conseguir sobreviver. Alguém discorda disso, caso ocorra o aumento da recessão?

E justamente deste contexto, em que prevalece a desesperança, que se vê surgir a esperança no País. Parece que

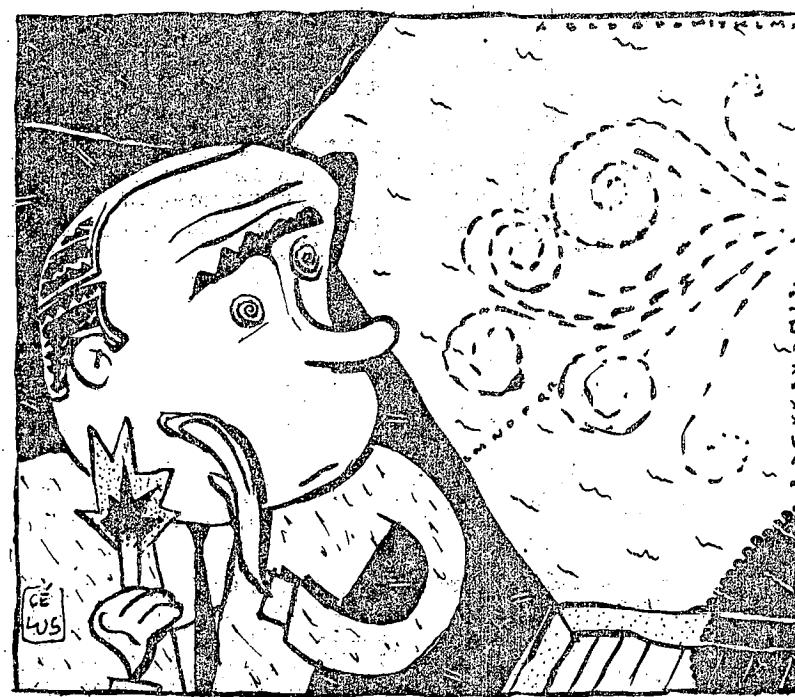
Nagora a sociedade civil está madurecendo, acordando para o fato de que é preciso organizá-la para definir as prioridades da Nação, não deixando essa função exclusivamente nas mãos do Estado. O radicalismo de entidades como a CUT começa a ser substituído pelo realismo. Tomara que se permaneça nesse caminho, pois é um passo decisivo para um possível futuro entendimento nacional.

Na semana passada, empre-

sários, trabalhadores e políticos se uniram num ato público, em São Bernardo do Campo, para criticar a política recessiva praticada pelo governo Collor. Não havia nenhuma proposta econômica concreta no manifesto ali distribuído. Apenas protestos salientando que o Brasil não pode atravessar o próximo ano sem acender a chama da esperança.

Mas, na verdade, a alternativa econômica começou a ser semeadas pelo próprio documento lançado naquela manifestação, ao assinalar uma disposição política para uma união de todos contra a recessão: "Na pluralidade de suas convicções, posições políticas e crenças religiosas, todos os brasileiros que continuam confiando na realização de nosso enorme potencial como nação independente e democrática precisam estar juntos no esforço para interromper a recessão já".

Temos insistido aqui em que a saída para a nossa crise necessariamente passará por algum tipo de entendimento nacional. Como aconteceu em países que viveram contextos semelhantes. Vai ser de um esforço pluralista, em termos político-partidários, e de uma aliança entre empregados, empregadores e suas entidades representativas que surgirão as soluções que realmente valorizem o capital e o trabalho, estimulando a produção e o consumo. A compreensão disso já é um começo para acender a chama da esperança. Agora é preciso fazê-la brilhar mais e evitar que ela se apague pelo sopro dos radicais.



■ Sérgio Amad Costa é professor dos cursos de graduação e pós-graduação da FGV-SP.